



(aprendendo)

Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 51, novembro 2019, Saúde do Trabalhador é Arte]

Carlos de Assumpção

Poeta Maior da Literatura Negra



Carlos de Assumpção (Tietê/SP, 1927)

Professor, Advogado e Poeta da UNESP-Franca

“No quarto ano, tinha uma professora chamada Albertina Albi, fabulosa. Com ela é que aprendi a lecionar. Como eu gostava de ler, eu imitava quem eu lia. Então, parecia que eu sabia muita coisa. Fazia redações muito bonitas, inusitadas, inesperadas. Ela me perguntou se eu não queria estudar o ginásio. Eu bem que gostaria, mas de que forma? Na minha casa, o negócio era difícil, muito difícil. Naquele tempo, tinha um curso de admissão ao ginásio. Era uma barreira que se punha na vida do estudante, acho que para colocar de lado os mais pobres, inclusive os negros. Eu sempre fui o único aluno negro na sala. Isso me estranhou muito. Eu ficava intrigado, porque era só eu negro estudando, porque os outros negros não estudavam. A condição econômica do negro é terrível, impede que ele faça muita coisa.”

(Entrevista em 2020)

PROTESTO

Mesmo que voltem as costas / Às minhas palavras de fogo
 Não pararei de gritar / Não pararei / Não pararei de gritar
 Senhores / Eu fui enviado ao mundo / Para protestar
 Mentiras ouropéis nada / Nada me fará calar

Senhores / Atrás do muro da noite / Sem que ninguém o perceba
 Muitos dos meus ancestrais / Já mortos há muito tempo
 Reúnem-se em minha casa / E nos pomos a conversar
 Sobre coisas amargas / Sobre grilhões e correntes
 Que no passado eram visíveis / Sobre grilhões e correntes
 Que no presente são invisíveis / Invisíveis mas existentes
 Nos braços no pensamento / Nos passos nos sonhos na vida
 De cada um dos que vivem / Juntos comigo enfeitados da Pátria

Senhores / O sangue dos meus avós
 Que corre nas minhas veias / São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará / Comovido ante meu sofrimento
 Quem é que esta gritando / Quem é que lamenta assim / Quem é
 E eu responderei / Sou eu irmão / Irmão tu me desconheces
 Sou eu aquele que se tornara / Vítima dos homens
 Sou eu aquele que sendo homem / Foi vendido pelos homens
 Em leilões em praça pública / Que foi vendido ou trocado
 Como instrumento qualquer / Sou eu aquele que plantara
 Os canaviais e cafezais / E os regou com suor e sangue
 Aquele que sustentou / Sobre os ombros negros e fortes
 O progresso do País / O que sofrera mil torturas
 O que chorara inutilmente / O que dera tudo o que tinha
 E hoje em dia não tem nada / Mas hoje grito não é
 Pelo que já se passou / Que se passou é passado
 Meu coração já perdoou / Hoje grito meu irmão
 É porque depois de tudo / A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu / O enganado no passado
Preterido no presente / Sou eu quem grita sou eu
Sou eu meu irmão aquele / Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão / Que sofreu na prisão
Para que fosse construído / O alicerce da nação
O alicerce da nação / Tem as pedras dos meus braços
Tem a cal das minhas lágrimas / Por isso a nação é triste
É muito grande mas triste / É entre tanta gente triste
Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada / Com tintas de amargura
Um dia sob ovações e rosas de alegria
Jogaram-me de repente / Da prisão em que me achava
Para uma prisão mais ampla / Foi um cavalo de Tróia
A liberdade que me deram / Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo / Um dia jogaram-me de repente
Como bagaços de cana / Como palhas de café
Como coisa imprestável / Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente / Nas sarjetas da rua do desamparo
Sob ovações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade / Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita / Eu tenho fortes razões
Irmão sou eu quem grita / Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar / Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero / Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade / Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver / No porão da sociedade
Não quero ser marginal / Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido / Basta de humilhações
Minh'alma já está cansada / Eu quero o sol que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero / Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões / Como gritam os vendavais
Como grita o mar / E nem a morte terá força / Para me fazer calar.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.